

VENITE AD ME OMNES!



Salomão Ferraz

A Fé Nacional

São Paulo - 1941

V

A Fé Nacional

CESAR E BARRABAZ
CONCLUSÕES

BEMAVENTURADOS os pacificados;
res; porque eles serão chamados
filhos de Deus.

S. Mat. V:9.

L a v a b o

LAVAREI as minhas mãos na inocência, e assim, ó Senhor, me acercarei do teu altar:

Para ouvir a voz dos teus louvores e proclamar teus feitos portentosos.

Senhor, eu amo a beleza da tua casa, e o lugar em que assiste a tua glória.

Não me deixes, ó Deus, perecer com os ímpios, nem a minha alma com os que obram a iniquidade:

Nas mãos dos quais se encontra o crime, e cujas dextas ostentam as peitas.

Eu ando porém sinceramente: livra-me, tem de mim piedade.

Em terreno plano eu firmo meus pés, e nas congregações te bendirei, Senhor.

Gloria ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo; como era no principio, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amen.

*Do Ofertório, na
Missa, quando o celebrante lava as mãos.*

C e s a r e B a r r a b a z

OS varios capitulos que formam este livro não são propriamente ensaios academicos, e muito menos o fruto de exóticas pesquisas, por campos longínquos, inacessíveis ao comum dos homens que pensam e que estudam. Firmando-nos embora sobre autoridades competentes, não são elas todavia o nosso unico ponto de apoio. A mais forte armadura, de que dispomos, são as nossas proprias convicções, adquiridas no embate de agonias interiores, e nos conflitos, ás vezes bem asperos, com as circunstancias. Se temos em grande estima o Altar, é porque havemos galgado pessoalmente os seus degraus, e aí deparado, invariavelmente, as indizíveis bênçãos que resultam da obediencia humilde ao que o Mestre ordenou: "Fazei isto em memoria de mim".

A visão que temos da verdade catolica, no sentido lato e generoso que o termo assume neste livro, é a resultante do fato cristão lealmente verificado de varios angulos distintos, e que admiravelmente se completam: do angulo oriental da tradição consubstanciada na Igreja do Oriente, com o seu misticismo e profundo espirito de adoração; do de Roma, com o seu senso pratico de ordem, de unidade e proporção, como se vê da liturgia incomparavel da Missa; (*) e do ponto

(*) O Bispo Gore, o mais notavel dos escritores anglicanos da actualidade, ha pouco falecido, escrevendo sobre as vantagens e desvantagens da liturgia anglicana, diz no seu livro "The Body of Christ", á pag. 282, que a liturgia da Missa latina, simplesmente vertida para o idioma inglez, para uso da Igreja, teria evitado muita controversia liturgica e doutrinaria em que se debatem, sem possivel acordo, varias escolas. A liturgia da Missa, segundo esse escritor, paira em plano sobranceiro, fóra

de vista evangelico, ou protestante, como queiram, em que as almas são levadas a sentir a sua directa dependencia de Cristo e do Santo Espirito, formando assim o tipo dos homens livres, porém piedosos e fraternais, especialmente quando bem instruidos e sem os excessos da demagogia anti-catolica. E' que S. Pedro, S. Paulo e S. João, embora ocupando posições diversas, são todavia columnas essenciais, que asseguram a estabilidade, a beleza e harmonia da Igreja una, santa, catolica e apostolica.

E por isso o conceito que temos da Igreja Catolica em nossos dias, semelhante ao de S. João no introito do Apocalipse, é o de uma Igreja por assim dizer formada de Igrejas, cada qual com suas virtudes, mas tambem, por suas fragilidades merecendo, por vezes, energicas repreensões do Santo Espirito. Catolicismo, pois, conforme o entendemos, não pode jamais circunscrever-se aos limites traçados pela jurisdição official da Sé Romana, mas vai além e abranje, como o do canon da Missa, todos os que professam a fé catolica e apostolica, *omnibus orthodoxis, atque Catholicae et Apostolicae, fidei cultoribus*.

Tem sido nosso esforço o de contemplar a verdade cristã pelos varios prismas legitimis do pensamento religioso. E temos assim nos applicado a vê-la, o quanto possivel, com os olhos dos crentes orthodoxos, assim como com os da piedade catolica romana, sem os oculos rubros de quaisquer preconceitos; e igualmente, e não sem fruto, com os olhos do sistema evangelico, no seio do qual havemos encontrado as mais

do alcance das contendas. Ele não advoga por certo a sua forma em lingua, vulgar outrora, mas hoje inintelligivel ao povo comum, nem tão pouco a comunhão dos fieis em uma só das especies; todavia opina que esse officio, devidamente trasladado, seria o melhor que se pudera desejar para a celebração da Eucaristia,

decisivas e salutare experiencias na vida religiosa. E temos sobretudo procurado olhar para os homens e as cousas com os olhos de Cristo, os olhos da sua imparcial singeleza que não faz acepção de pessoas, e pelo prisma dos ideais altaneiros do seu reino.

A verdade divina, multiforme nos seus aspectos, não pode ser bem apreendida isoladamente pelo simples individuo, nem por uma particular escola ou destacado grupo de crentes. Ela só se mostra em seu justo relevo e na devida proporção, em sua beleza e harmonia, quando vista pelo conjunto acorde das almas convertidas e animadas de amor fraternal. A visão catolica da verdade é obliterada pelo espirito de seita, pela attitude de isolamento infraternal, intolerante, mesmo no caso em que ostenta na bandeira o titulo pomposo de "catolica". O que importa não são os rotulos, mas a realidade.

Catolicismo, no sentido que tem nos Credos, assim como na carta de S. Paulo aos Efesios, é de natureza generosa e inclusiva, e não de feitio exclusivista; é um catolicismo que vê com os proprios olhos, atravez de uma experiencia pessoal, profunda e marcada, e tambem com os olhos dos outros que procuram andar sinceramente nos passos de Cristo. "Habite Cristo pela fé nos vossos corações — escreve S. Paulo aos Efesios — sendo vós arraigados e fundados em amor, afim de que possais *compreender com todos os santos* qual seja a largura, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que sobrepuja tudo que dele se pode conhecer, afim de que sejais cheios até á inteira plenitude de Deus". (Efesios 3:17-19).

E' pois um catolicismo que procura conhecer a Cristo, não só individualmente, e nem apenas com os fieis em Efeso, ou em Roma, ou em Alexandria, mas *com todos os santos*, em todo lugar e em todos os tempos, com São Francisco de Assis e Santa Teresa, e

até mesmo, hoje, com os olhos, ou ao menos com a alma do Exercito da Salvação.

E isto explica, em parte, os motivos que nos levam a considerar o banquete eucaristico como sendo da mais alta importancia, mas em lugar sagrado, no alto, a que todos os batizados tenham livre acesso, devidamente aparelhados, fóra do alcance de imposições autoritarias, ou das prevenções demagogicas de seitas. E daí o empenho em firmar, a todo custo, a verdadeira doutrina sacramental, que é alta, sem duvida — alta pela fé integral que exige de todos os que do Altar se acercam, alta pelos requisitos morais e espirituais que reclama dos convivas. E' a unica região em que pode ser selado, com segurança, entre os fieis, o pacto de uma santa unidade catolica, no sentido amplo em que o vocabulo aqui se emprega.

E se este termo, tão nobre na sua origem, opulento na acepção insubstituivel dos conceitos que traduz, tem sido porventura usado como senha de uma modalidade exclusivista em religião, não deve ser, por isso, lançado á margem como sinonimo de intolerancia e fanatismo, mas restituído ao seu verdadeiro sentido, como nos Credos, e consoante o padrão apostolico de S. Paulo, afim de ser arvorado, como a bandeira santa, a farfalhar soberana por cima de todo regionalismo ou grupo exclusivista. "Creio na Santa Igreja Catolica".

A esta ordem de considerações nos arrasta igualmente o sincero amor da patria, a qual não pode ser grande e forte, preenchendo cabalmente a sua excelsa missão no concerto dos povos, sem uma solida base espiritual, assentada com prumo e consciencia. E daí o vivo interesse, que temos, em firmar os grandes principios cristãos, e em remover, ao mesmo tempo, os obices do indiferentismo e descrença, não raro sob color de religião mais racional, e também as barreiras de preconceitos e atitudes descaridosas, que dividem lamenta-

velmente os crentes uns dos outros, e empecem o testemunho, tão necessario em nossos dias, da sua real unidade como um só corpo em Cristo.

Porém não desejamos também de forma alguma acalentar a estolidez de um otimismo cego, alheio á sombria realidade ambiente. Observa-se em toda parte um mal estar generalizado e profundo, manifestando-se, como o virus de Hansen, por uma alarmante atonia moral e espiritual. E quando uma sociedade se mostra insensível aos mais altos ideais de justiça, de disciplina moral e liberdade, e deliberadamente os repele, e praticamente rejeita a Cristo, como os Judeus na Sexta-Feira da Paixão, dando preferencia, ou ao predominio de Cesar, "Não temos outro rei senão a Cesar", ou á demagogia de Barrabaz, "Solta-nos Barrabaz, e a este crucifica", então já não resta mais outro aviso, senão o que se encontra nas palavras profeticas de Cristo: "Os que estão na Judéa fujam para os montes"; porque é chegado o dia do juizo, em que um povo em massa, pela sua propria boca, se vota ao exterminio.

E' grave a situação, quando os homens, nos dominios da politica e na esfera religiosa, não descobrem outro meio de se regerem, a não ser o de estenderem os pulsos para receber as algemas das ditaduras politicas de carater permanente, ou as de qualquer infalibilismo religioso do mesmo feitio; ou então quando, delirando em febre, são vistos a correr freneticamente atrás das bandeiras encarnadas dos Barrabazes sediciosos, a liderança dos quais eles acolhem de bom grado, por isso que exploram as paixões do povo e as suas tendencias malsãs, em prejuizo do ascendente moral e espiritual de Jesus Cristo, que liberta os homens pela cruz e os congrega pelos laços do amor e do mutuo respeito.

Nas horas criticas de decadencia social, em que os mais sanguineos formam nas maltas truculentas

dos Barrabazes da demagogia, outros, quiçá mais astutos, acolhem-se debaixo do pavilhão do cesarismo em todas as suas formas. E ha ocasiões em que Cesar e Barrabaz dão-se as mãos — imperialismo religioso e nacionalismo rubro em pacto formal, no proposito ostensivo de oferecer amparo aos povos por meio de grilhões. Porém a salvação publica não pode vir de Cesar, nem tão pouco de Barrabaz, ainda quando se mostram amigos. Quando se rejeita praticamente a Cristo e o seu imperio moral, procurando-se abrigo nas formulas políticas e sociais artificiosas, então só resta aos individuos, ou grupo deles, que não querem soverter-se na catastrophe, a indicação do escritor aos Hebreus: "Saíamos, pois, a ele (Cristo) fóra dos arraiais, levando sobre nós o seu oprobrio."

Exgotados os recursos de salvação coletiva, só fica um alvitre aos que temem a Deus e acodem aos reclamos do invisivel: o de recolherem-se ao santuario do seu intimo e ao convivio de uma elite espiritual que tem a Cristo como Rei. "Vai, pois, povo meu, entra nas tuas camaras, e fecha as tuas portas sobre ti, até que passem as calamidades." (Isaias 26-20).

Se o officialismo, refractario e desvairado, não ajuda o povo a acertar com o caminho da paz interior e da verdadeira liberdade, então só remanesce aos espiritos que atendem aos reclamos do alto, a attitude extrema de se retirarem e deixarem-se guiar, como os magos, pelo clarão sideral que os leva a Cristo, a despeito dos Herodes do officialismo que, não podendo fugir á declaração da verdade, limitam-se a urdir planos sinistros para burlar os seus efeitos.

Ninguém se iluda com as ditaduras, qualquer que seja o seu feitiço, político ou religioso. Entre a causa de Barrabaz e a de Cesar, a ultima certamente é menos má, humanamente falando, porque disfarça, ainda por algum tempo, esmagando-a como sob um rolo com-

pressor, a podridão intestinal, juntamente com elementos sadios e perduraveis. Mas não regenera cousa alguma, e só concorre para tornar, no fim, maior a catastrophe.

E quando os homens, deliquescentes e desvairados, preferem antes a Cesar do que o dominio moral e espiritual do Cristo, elles igualmente conseguem pôr em liberdade o Barrabaz da demagogia sediciosa. E quando Cesar e Barrabaz se tornam os idolos de um povo dementado, que prefere ver Cristo no patibulo, e com ele estrangulada a verdadeira liberdade que redime e santifica as almas, então já não se pode esperar outro desfecho, senão o do bando negro das aves que se apascentam das carcassas. "Onde estiver o cadaver, aí se ajuntarão também os corvos". E sempre que um individuo, ou um povo, se encontrar carcomido, a exalar maus olores, aí também aparecerão, automaticamente, inexoravelmente, os elementos da sua destruição.

A verdadeira diretriz não está com os que esperam a salvação por via do cesarismo, ultramontano ou politico, e nem tão pouco com os bandos que facilmente adérem aos Barrabazes do espirito sedicioso em todas as suas modalidades. O remedio consiste em receber lealmente no intimo d'alma a soberania moral e espiritual de Jesus Cristo, aceitando-o como Rei e Senhor — "Este é o Senhor de todos" — como dizia S. Pedro na casa do centurião romano.

O remedio eficaz, pois, contra o cesarismo em todas as suas formas não consiste em dar mão forte aos Barrabazes da demagogia politica ou religiosa; e o correctivo da demagogia não será encontrado em pôrem-se nas mãos do cesarismo, incondicionalmente, as re-deas do mando absoluto. O antidoto de um e outro destes principios virulentos, que reciprocamente se hostilizam, e ás vezes também se aliam, deve ser buscado em duas fontes principais: — a) No espirito de reve-

rencia e piedade — doutrinaria, devocional e pratica. Efetivamente, no altar, na livre comunhão com o Senhor, que prometeu estar presente em toda a parte onde dois ou três se reunirem no seu nome, em espirito humilde, reverente e fraternal, é que se encontra a verdadeira força emancipadora das almas — “No teu santuario ha força e gloria.” Os que assim se congregam, em nome de Cristo, nos ideais de Cristo e do seu reino, não têm necessidade de se deterem ante quaisquer imposições dos que se julgam detentores unicos da divina autoridade. Quando Cristo expirou na cruz, o véu do templo rasgou-se de alto a baixo, dando livre acesso ás almas que buscam ao Senhor no santuario. Bom é fazer tudo com decencia e com ordem, com geral acordo, sempre que possivel; mas tambem, se necessario e em certas ocasiões, com a intrepidez de um S. Pedro que, á vista de ordens iniquas, emanadas do cesarismo de então, soube dizer com ousadia: “Importa antes obedecer a Deus do que aos homens.”

b) No cultivo do espirito de real fraternidade e camaradagem entre as almas crentes, sem distinções de seitas ou de partidos, e sem depender, necessariamente, para isto, da permissão dos que se imaginam armados com direito ao predomínio absoluto das almas. Ao cesarismo convem, a todo transe, criar toda a sorte de prevenções entre os crentes, fazendo crêr, aos que lhe obedecem ao mando, que os demais são hypocritas, falsarios, movidos por interesses inconfessaveis, e que não acreditam sequer em Deus. Nada, pois, de relações com eles! E’ o velho processo maquiavelico de dividir para melhor dominar.

Por outro lado, o demagogismo religioso faz outro tanto, sem nada ficar a dever ao cesarismo. A tal ponto chegam por vezes na truculência indiscriminada das suas atitudes, que violam até o santo sinal do Baptismo, dando como irritado e nulo um ato que foi feito solenemente em nome da Santissima Trindade: só pela

razão, ao que parece, de não ter sido administrado pelas suas mãos ou as de seus socios! O seu plano, com plena consciencia ou não, é o mesmo do cesarismo: dividir os crentes para melhor os ter a seu talante. E as consequencias são tambem as mesmas: uma fé toldada de duvidas, uma fraternidade cristã claudicante, uma obliterada visão de Jesus Cristo e da sua Santa Igreja, e um motivo para a impiedade escarnecer dos crentes e manter-se em atitude hostil á Igreja.

Tal espirito de reverencia e fraternidade, colunas mestras da religião e de toda a construção social, deve afirmar-se ousadamente, não em nome de um humanismo superficial e maneiroso, mas “em o nome do Pai, e do Filho, e do Espirito Santo”, o nome augusto da Santissima Trindade, que deu a cada crente o seu solene ingresso na Santa Igreja Catolica, da qual nenhuma força humana, nem a do cesarismo prepotente, nem a da demagogia dos Barrabazes todos do mundo, o poderá jamais arrancar. E quando alguém o interpelar sobre as razões que o fazem considerar-se dentro dos precintos da Santa Igreja, fóra da qual não ha salvação, como realmente não ha, ele poderá responder: “Eu estou de posse de uma credencial firmada pela mais alta autoridade que se pode invocar, mais alta que a de Bispos, de Patriarcas ou de Papas, e mais alta que a dos proprios anjos no céu: sobre mim foi afixado, com a divina autoridade de Cristo, o selo do “Pai, e do Filho, e do Espirito Santo.” Não preciso de mais. E não ha nenhuma força, neste mundo, enquanto me guardar fiel, que possa arrancar ou invalidar este selo.”

Espiritos cansados e desiludidos, hoje, e ás vezes depois de experiencias amargas com a demagogia religiosa de grupos extremistas, ao contemplarem os monumentos e os recursos do cesarismo religioso, com a sua admiravel tessitura de um militarismo consumado, e que traz tambem no seio tesouros inestima-

veis de piedade e de gloriosas tradições — são tentados a considerá-lo como o único reducto de salvação para um mundo a pique de sumir-se no vortice do anarquismo. Mas é preciso que não sejam ingenuos, e se lembrem também de que igualmente grandiosas e soberbas, cheias de pias tradições, guardando com santa religiosidade os oráculos das Santas Escrituras, eram as instituições judaicas, com o seu templo majestoso em Sião, e que no entanto não impediram a derrocada nacional. E que se lembrem também de que é precisamente o cesarismo, qual o do Tibre e o da Russia, que vem armando e pondo na rua as mais perigosas maltas de sublevação politica e religiosa. Exactamente nos paizes em que tem sido incontrastada a vigencia do absolutismo religioso, é que têm surgido as reacções mais violentas.

A Cesar será dado talvez pôr em cheque, temporariamente, os excessos de Barrabaz e seus asseclas, mas tornar-se-á fatalmente, no fim, como aos Hebreus do 1.º século, o coveiro da nacionalidade.

Não é de Roma que vem a salvação, e muito menos de Moscou, mas a salvação vem do alto, da Jerusalém celestial, a séde de luz e vida, onde reina o Cristo vivo, e que foi morto, mas vive para sempre, a derramar sobre os crentes efluvios de graça, de poder e verdadeira liberdade.

E finalmente com humildade, no temor de Deus, entregamos estas considerações ás consciencias retas, clérigos e leigos, que colocam acima dos partidos a patria, acima de conveniencias gregarias a verdade, e acima das seitas a Igreja; e, dentro da Igreja, como parte da estrutura desta, a personalidade, o homem redimido, santificado e emancipado pela cruz, como coisa sagrada a que não deve tocar o ferro que mutila e profana: pedra viva, ajustada e consagrada aos mais altos fins da vida humana sobre a terra, e aos gloriosos destinos que se desdobram no além.

C o n c l u s õ e s

CUMPRE-NOS aqui resumir, afinal, o geral teor destes capitulos, pois que levam, todos, de uma ou de outra fórma, para uma méta que se afigura tão longínqua, fóra do alcance da vista, e que somente a fé pôde entrever. Longe porém de ser isto um motivo de desmaio, é antes um poderoso incentivo para as almas bem norteadas, que abraçam, com animo, os heroicos termos que a inspiração impõe aos paladinos do ideal — a vida pela fé. “O justo viverá pela sua fé”.

Que faremos pois? — é a pergunta que hão de fazer muitos leitores, em cujas consciencias terão calado, de alguma sorte, as razões aduzidas nestas paginas. Onde é que se encontra o gremio religioso, neste país ou alhures, a que nos possamos acolher para dar expressão aos ideais aqui gizados? Teremos porventura de fundar uma nova igreja, um corpo ecletico, em que se concretizem, com efficacia, os principios aqui preconizados?

E' bem possivel que assim pensem alguns, porém erradamente, ao nosso ver. Tempo houve, em circumstancias especiais, no século XVI, em que uma revolução tornou-se inevitavel e que, apesar dos pezares, não deixou de ser benefica, mais benefica porventura ao elemento conservador da Igreja, do que aos proprios dissidentes. Em uma revolução, embora justificada, os que menos aproveitam dos seus frutos são os que a levam a peito. E' que eles, em geral, facilmente se esquecem dos levantados motivos que originariamente os impeliram. Re-

ligiosamente, hoje, não estamos, ou pelo menos não devemos estar em fase revolucionária. Nunca deveríamos ter estado! — exclamarão alguns, indignados — mas isto é porque o despeito não lhes permite ler com imparcialidade a história, nem aquilatar com serenidade os seus fatos. Porém mais errados ainda estarão, em nossa opinião, os que querem ver a Igreja em perpetua convulsão.

A quadra em que vivemos, na história do mundo, reclama a presença dos reedificadores, daqueles que souberam assimilar o patrimônio moral e espiritual dos antepassados e, bastante humildes para reconhecer-lhes as falhas e delas se penitenciarem, são aptos também para pôr mãos á obra restauradora.

O que cumpre aos crentes, na presente conjuntura, não é, propriamente, sair da Igreja de Roma, nem desertar da Igreja Anglicana, nem mesmo desligar-se de qualquer grémio christão a que estejam porventura incorporados. Anda-se em geral de uma parte para outra e fica-se na mesma. O que será essencial, hoje, é dar provas de um espirito renovado, com uma atitude de fé integral — fé em Deus, fé viva no Cristo Redentor, fé no Espírito Santificador e, como consequência, fé na irmandade dos crentes, e por isso mesmo no seu ideal de católica unidade em Cristo, com espirito de respeito, de boa vontade, de reciproca apreciação, de colaboração e caridade.

O primeiro dever que se nos impõe, como cristãos, é o de ser humildes e contritos, não apenas como individuos, mas ainda como agremiações. A noção de que os individuos podem errar e fraquejar, porém, nunca as corporações, só pôde ser verdadeira na mentalidade enfermiciça do orgulho partidário, ou como pura abstração. Os fatos reais, do passado e do presente, desmentem semelhantes pretensões.

O segundo dever, que nos incumbe, é o de ser justos e imparciais em nossos juízos, deixando o habito iniquo de nos julgarmos a nós mesmos pelos credits dos nossos ideais e das nossas boas intenções, desprezando o passivo dos nossos fracassos, e ao mesmo tempo levando á conta dos outros somente as suas falhas, sem tomar em consideração o haver dos seus nobres intentos e das dificuldades e tentações que tiveram de enfrentar.

E daí a necessidade de nos mostrarmos compassivos e fraternais para com todos os gremios cristãos, evitando sobre eles qualquer juízo temerario. “Bemaventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia”.

E se por nossas atitudes retas e caridosas tivermos de incorrer no desagrado dos faraós da intolerancia autoritaria, aqui ou ali, não seja isso motivo para esmorecer na boa causa. A politica dos faraós, especialmente os maus faraós que não conheceram a José, e sempre a mesma, no Egito e em todo o mundo: a de eliminar os filhos machos do povo que querem ter submisso, e que podem pôr em risco o seu prestigio. Porém assim como os pais de Moisés, que não temeram o mandamento do rei e foram elogiados pela sua fé, assim também hoje se encontram consciencias retas, que sabem sobrepôr a voz da consciencia a quaisquer injunções anti-cristãs e deshumanas, venham de onde vierem; consciencias retas que tazeem jús ao galardão prometido por Cristo aos que sabem conduzir-se com galhardia moral: “Bemaventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça; porque deles é o reino dos céus”.

O que é mistér, antes de mais nada, em nossos dias, nas relações entre os crentes, bem como igualmente entre os povos, é apenas, com animo firme, sem pedir licença aos faraós do mandonismo ou ás camarilhas reacionarias — pôr em pratica os termos e o espirito do Sermão da Montanha, como resumidos nas Beatitudes.

Tratar de outras questões, dogmáticas e transcendentais, indispensáveis sem dúvida á unidade da Igreja e da família humana, mas sem estar primeiro de posse da reta atitude de espirito, é o mesmo que meter as mãos afoitamente para tirar boa musica de uma harpa, talvez bela de aspecto, mas que não foi afinada. Póde ser o artista mais celebre do mundo, e nada conseguirá senão desharmonias. A primeira cousa a fazer, no caso, é afinar o instrumento.

Assim é também com os homens que pretendem versar questões de ordem espiritual e religiosa. O que lhes cumpre fazer, antes de tudo, é collocarem-se na reta atitude de humildade, de contrição, de retitude e benevolencia para com os homens e de reverencia para com Deus. "Que te aproveita disputar altas cousas da Trindade — diz o autor da Imitação — se não és humilde, e por isso desagradas a essa mesma Trindade?"

O mesmo principio foi também admiravelmente exposto por Cristo no Sermão da Montanha, quando disse: "A luz do corpo são os olhos. Se estes, pois, forem simples, todo o teu corpo será luminoso; se porém forem maus, ficará todo o teu corpo ás escuras". A visão fiel das cousas, em sua realidade objetiva, sem deformações, depende da sanidade dos órgãos visuais. Assim é também com as questões de ordem espiritual. Disputa-se, não raro, sobre as realidades desta ordem quando, antes de tudo, dever-se-ia passar em revista a idoneidade das mentes applicadas a materias de tal categoria. Ao espirito eivado de orgulho e pretensão, displicente do requisito essencial e basilar — a humildade — serão em pura perda todos os argumentos e demonstrações. Falta-lhe a base, a qual, segundo a palavra candente de S. João Batista, outra não é senão o arrependimento, a conversão. O orgulho é cego e desvaído; mas a humildade é clarividen-

te. Não basta ter entre as mãos o texto da Santa Escri-tura. Os judeus, que rejeitaram e crucificaram a Cristo, eram versadissimos na Lei, nos Profetas e nos Salmos. Sem o limpido olhar da humildade e da contrição, sem uma atitude reverente para com Deus, para com os homens e a vida, o proprio livro sagrado se deturpa, os seus ensinos se pervertem, e sua luz se transforma em trevas, em confusão. Nada ha que sirva de sucedaneo a esta condição primordial. Antes de se examinar o valor de doutrinas e fatos transcendentis, urge tomar a termo, meticolosamente, as injunções de Cristo no Sermão da Montanha.

*
* *

O conteúdo deste livro póde assim resumir-se:

1.º A fé tradicional da Igreja, como expressa nas decisões dos grandes concilios e na experiencia cristã dos seculos, constitue uma rocha inexpugnável. Ha uma comum experiencia dos cristãos, em todos os seculos, e que a confirma em seus principios, com a sua correspondente expressão no culto e na vida pratica. Ha na fé cristã, a despeito da opulencia variegada da expressão, um fundo invariavel e comum, que tende sempre a afirmar-se pela sua propria força intrinseca, não obstante transvios temporarios ou parciais. São os principios catholicos semelhantes á planta, a qual, mesmo na caverna, se contorce em procura da luz, de onde quer que ela venha. Tais principios, á maneira da arca da aliança na antiga dispensação, não necessitam de amparo temerario, porque por si mesmos se impõem — com o auxilio apenas do testemunho idoneo dos crentes. Quando Oza, nos dias de Davi, ao ser transportada a arca, estende violentamente a mão para ampará-la, ao ver escoucean-

do os bois que a tiravam na carruagem — ele foi fulminado. Ha muita gente, ainda hoje, que pensa em valer-se do braço do Estado, com as suas sanções, em defesa dos principios que reputam vitais na religião. Mais confiança em Deus, e menos temeridade no trato com o que ha de mais sagrado no mundo — a personalidade humana, onde faz o Altissimo a sua habitação — e as cousas serão levadas avante de outra fôrma.

2.º E' de suma importancia atender-se á hierarquia de valores. Uma cousa é errada, não porque o seja em si, mas por se achar deslocada da sua posição. E nesta hierarquia de valores, considerada do ponto de vista pratico, tem inegavelmente a precedencia a fé ou a attitude espiritual. Antes de tomar-se em consideração o dogma ou a politica da Igreja, é de toda a importancia considerar-se a attitude espiritual para com Deus e os homens. A isto podem chamar "fideismo", ou o que quizerem, mas é este o caminho que seguiu Cristo, que começou o seu ensino com o Sermão na Montanha. E' por aqui que sempre se ha de começar, sob pena de nunca se atinar com o caminho da paz e da ordem.

3.º E' de um valor primacial o individuo, que nunca deve ser anulado pela maquina, qualquer que ela seja, industrial, politica ou eclesiastica. A organização do corpo coletivo tem por fim garantir ao individuo o seu progresso normal em todas as direções justas e nobilitantes. O reino de Deus não é construido de cimento armado, em estrutura de aço com os intersticios tomados com pedra em pó, mas com pedras vivas, integrais, com personalidades inteiriças, distintas, consagradas. "Se me edificares um altar de pedras — disse Deus a Moisés — não o levantarás de pedras lavradas; pois se levantares sobre ele a ferramenta, tê-lo-ás profanado". A personalidade humana é alguma cousa de tal fôrma sagrada, que deve

ser tratada com respeito, sem o proposito de cortá-la ou mutilá-la arbitrariamente para melhor ajustagem aos efeitos de conjunto. O povo de Deus é um povo formado de reis e sacerdotes. Tal é o ideal que não se deve perder jamais de vista.

4.º O carater sagrado da personalidade humana, que encerra dentro de si possibilidades infinitas, conduz a um outro ponto — o da supremacia da consciencia, que não é senão o senso intimo da dignidade e da responsabilidade do individuo. Esta responsabilidade é direta para com o Ser Supremo, e direta tambem para com os homens. Renunciar a este principio, ou entregá-lo em seu maior peso ás mãos de chefes, na Igreja ou no Estado, é pecar contra o santuario de Deus, que é a personalidade humana. A unica maneira de conduzir os homens e de levá-los para um plano mais alto, é dirigir-se a eles através da consciencia, e não pela mera submissão deles á autoridade. A primeira cousa a fazer é acordar a consciencia, que é a unica porta legitima de acesso ao sacrario da personalidade. Impor qualquer autoridade, por mais sagrada que se julgue, sem procurar esta porta, é edificar em bases falsas. Não é assim que Deus trata os homens, e não é assim que os devem tratar aqueles que se dizem seus ministros.

Não devem ser os homens conduzidos como cegos, pela mão, mas devem ter os olhos abertos e a sua consciencia iluminada. Jesus Cristo abriu os olhos aos cegos, mas não acoroçoou a função, aliás louvavel, de levar pela mão os cegos. Porém o que ele viu, no mundo moral e espiritual, é que os que mais afoitamente se oferecem como guias dos que não vêm, são em geral tão cegos como eles. "Se um cego guiar outro cego, irão ambos cair no barranco". A ignorancia, o analfabetismo, podem facilitar certa religiosidade doentia, anemica, certa docilidade parva e perigosa, mas nunca poderá formar

conciências fortes, personalidades aprumadas, marcadas, integrais, única base em que se firmam as reais democracias.

5.º E daqui somos levados naturalmente a considerar a função dos homens que ocupam as sedes do poder, civil ou religioso. O conceito que se tiver da autoridade, no domínio religioso, ha de refletir-se inevitavelmente na esfera politica. Um sistema não pôde ser verdadeiro na Igreja e falso no Estado, ou vice-versa. Os homens que exercem autoridade, em qualquer das esferas, religiosa ou civica, não são prepostos de Deus, mas apenas dispenseiros, no espirito mais de auxiliares e cooperadores na grande obra da emancipação das almas. E prepostos mesmo que fossem, mas que o fossem do Deus verdadeiro, do Deus revelado em Cristo no doce humanismo de Caná e na tragedia da cruz, e não o Deus á semelhança de Jupiter Capitolino com a sua expressão politica no Cesar da Roma pagã. O Deus que ajuda as almas e que, como a ave, procura recolher debaixo das azas os filhos transviados, chorando o seu desvario, e deixando-se imolar em sacrificio por eles, e não o deus que fulmina maldições, qual os que não sabem perdoar dissidências, de que foram eles mesmo, talvez, os mais culpados. Prepostos, sim, que o sejam, mas do Deus que trata com paciência, com tolerância, com amor, que “não apaga a torcida que fumeja, nem quebra a cana rachada”.

6.º Seguindo a diretriz que havemos traçado, a de acolher a verdade, venha de onde vier, venha como vier, em vestes de gala, ou andrajosas, com honra ou vilipendio, fomos forçado a mostrar a inanidade de certos tabús, de que o espirito sectario, através de gerações, vem fazendo o baluarte em que se firmam preconceitos e prevenções odiosas. Um deles é o termo “transsubstanciação”, tradicionalmente usado para marcar fortemente, na

mente instavel dos homens, o fato transcendente da real presença eucaristica. Insurgimo-nos contra os que emprestam a esse termo um sentido falso, carnal e grosseiro, e assim o impugnam, com uma torrente de doestos contra os que muito pertinentemente o empregam em suas formulas dogmaticas.

Alguns ha que almejam fazer tudo radical e acintosamente diverso de que já se fez no passado — em politica, em arte, e especialmente em religião. A propria palavra “altar”, consagrada por seculos e milenios de devoção, eles querem banir do vocabulario religioso. E o nome popular, tão breve e tão proprio, por que é conhecida desde tempos imemoriais a Santa Eucaristia, é posto no rôl das palavras proibidas. A attitude de tais reformistas, explicavel porventura no seculo XVI, porém desastrosa neste seculo de reconstrução e unidade, dá a entender que a propria palavra “missa” é sinonima de idolatria e superstição. Não se pode negar que tem havido abusos, ignorancia e supertição no que concerne á Ceia do Senhor, como em tudo mais. Isto porém deve induzir-nos a uma attitude diferente: a de reabilitar, por todos os meios, aquilo que, por qualquer motivo, foi despojado de seu legitimo prestigio.

Não ha razão absolutamente para se perpetuarem equivocos desta natureza, em que os mais lesados são, desgraçadamente, os que timbram em mantê-los. Indulto merecem, de certo, os que assim procederam, e ainda procedem, por ignorancia, firmados muitas vezes em interpretes ineptos ou por motivo das brumas de controversia do seculo XVI, mas não os que recusam deliberadamente a luz que se lhes oferece de uma interpretação justa, equanima e caridosa.

E' igualmente lamentavel, de outro lado, que se continue a atribuir aos crentes evangelicos, com molesta insistencia, a crença de que a salvação é somente pela fé, sem

necessidade alguma de boas obras. Não é isto absolutamente o que eles crêm nem o que ensinam. Mas no espirito tortuoso do sectarismo convem a todo o transe desacreditá-los nesta linha. Porém fazem muito mal nisto, mais a si próprios do que áqueles a quem visam com falsas imputações. O que os protestantes crêm e ensinam — e nisto estão de pleno acôrdo com o apóstolo São Paulo — é que, na obra da salvação, vista do lado humano, a prioridade pertence á fé. Prioridade — note-se bem! — e não exclusividade. Não é fazendo injustiças que se consegue anular e nem sequer enfraquecer as dissidências. O faccioso é sempre o que deturpa e falsifica a verdade, seja qual for o seu intento.

O mesmo poderíamos ainda afirmar sobre o labéio de falsos, que alguns costumam atirar, sem laivos de escrúpulos, a exemplares do Novo Testamento, pela simples razão de haverem sido impressos pelas sociedades bíblicas inglezas ou americanas. Mesmo o Velho Testamento, nas edições protestantes, não pode ser acimado de falso pela simples exclusão dos livros chamados apócrifos, visto que na Igreja, desde a sua fase judaica, houve sempre duas correntes de opinião, uma que excluía, outra que incluía os referidos livros. Os judeus da Palestina não os aceitavam no canon dos livros sagrados, e os de Alexandria os incluíam, ou pelo menos os admitiam, como de valor secundario. A gritaria de biblias falsas póde sortir efeito no momento com certa gente, mas com os demais o seu efeito é desastroso, levando o descredito aos guias religiosos que assim procedem.

Que não convem que o povo leia a Biblia sem mestres competentes que os guiem, é um principio de justa precaução, a que não é lícito impugnar. Mas isto é cousa muito diferente de darem-se como falsas as biblias, até mesmo na sua parte incontestada, que é o Novo Testamento.

A bem da justiça, da verdade, do amor, da paz, da

ordem e da unidade que deve subsistir entre os cristãos, devem-se deitar abaixo, sem dó nem hesitação, esses tabús vulgares, que abrigam a ignorancia, que fermentam preconceitos e desamor entre os crentes, dificultando a obra divina da unificação das almas em Cristo e na sua Santa Igreja.

7.º E isto nos transporta ao ponto que constitue o motivo central deste livro: a attitude fraternal, de mutuo entendimento e de colaboração que deve subsistir entre as varias agencias de natureza religiosa e cristã, votadas a servir ao publico. Encontram-se hoje os cristãos separados uns dos outros por velhas questões, de que nenhuma das partes se póde julgar como inculpavel. E agora, á vista do inimigo comum que engrossa as suas fileiras para o Armagedon tremendo do conflito apocaliptico, não é lícito aos crentes reviver velhas pendencias, fruto quasi sempre da ignorancia e de mal entendidos, que lhes jarretam a força pela resultante desunião entre eles. Não é nada airoso que, no mundo politico, saibam os homens recalcar velhos ressentimentos, chegando reciprocamente á fala, e fazendo frente unica á vista de um comum perigo, ao passo que, em religião, não se cuida de nada senão em subserviencia aos interesses de seitas e partidos.

Seremos talvez uma voz solitaria, a clamar inutilmente no deserto em que as facções se degladiam em nome da ordem, da verdade e da fé, como pretendem, e esquecidas do principio mais alto de todos — a caridade. O que uns fazem, vêm outros e desmancham, em uma campanha louca de mutuo desprestigio, e tudo em nome de Cristo! A situação é certamente desoladora. A impiedade encontra sempre pretextos para manter-se em attitude hostil ou displicente, sem respeito para com os que professam a religião e não se entendem nem se respeitam uns aos outros. Ha muitas comunhões, que se dizem cristãs, ostensivamente em guerra umas ás outras, em re-

ciroca excomunhão, e que vivem assaz contentes! E' uma verdadeira Babel em que ninguém se compreende.

Será justo que as cousas prossigam assim desatinadamente, sem ao menos um aviso? Não será lícito que alguém se apresente no meio da balburdia, em que se hostilizam irmãos uns aos outros e que, á maneira de Moisés, também lhes diga: "Homens, vós sois irmãos; para que maltratais um ao outro?" Mas poderá ter, talvez, como resposta a mesma repulsa que teve o antigo pacifista: "Quem foi que te constituiu chefe e juiz sobre nós?"

A unica coisa que o autor reclama, para si, e para quantos se empenham como ele na cruzada fraternal, é a permissão de receber com igual deferencia todos quantos foram batizados em nome do Deus Trino e cujas vidas não destoam da sua profissão; a permissão de chegar-se fraternalmente com eles á mesa do Senhor, e de os receber da mesma fórmula, sem os obrigar a passar primeiro pelas forcas caudinas de uma subordinação desnecessaria.

Deu nosso Senhor alguma especial missão a São Pedro e aos seus sucessores em Roma? Reconheçam-se todos primeiro como irmãos, selando na mesa do Senhor a sua fé comum em Cristo e a mutua fé uns nos outros, como membros de uma só familia, e discutam depois, se quizerem, os meritos da questão romana ou de qualquer outra. O que determina a nossa irmandade em Cristo não é precipuamente a attitude para com a sé romana, ou qualquer outra, mas a attitude para com Cristo e de uns para com os outros. E póde ser que a sé romana represente, de fato, o *modus faciendi* pratico e providencial para o conagração da dispersa cristandade. Não se póde mesmo negar, nesse sentido, a sua atuação histórica até certo ponto benefica, a despeito de todas as falhas e fragilidades humanas.

Mas alguém pode increpar-nos: Como é então que aceitais tantas cousas de fundamental importancia, em doutrina e em pratica, como se encontram no catolicismo sob a sua forma romana, e ainda vos julgais com direito de não estar sob a jurisdição da Sé Romana? A resposta é muito simples: O direito, que nos assiste, de assim proceder, é o mesmo que o da Igreja primitiva, que recebeu dos Judeus o melhor das suas tradições e das suas praticas religiosas, inclusive o precioso legado das Santas Escrituras, sem todavia se julgar na obrigação de aceitar a mesma attitude, que tiveram para com Jesus, o Messias. Assim é que também nos sentimos com o direito de receber, com gratidão a Deus, todos os dons excelentes de que tem sido guardião o catolicismo romano, sem necessariamente endossar a sua presente attitude para com o principio cristão de liberdade, pois que este principio, a despeito dos inominaveis abusos que em seu nome se hão praticado, é de capital importancia para a vida da Igreja e da patria. O remedio contra os abusos da liberdade, não consiste na supressão desta, mas em conduzir pacientemente as almas a Cristo, onde se encontra a fonte e o penhor de toda emancipação individual e coletiva, e em treinar os homens no exercicio de uma justa e fecunda liberdade.

Os primitivos cristãos não queimaram as Escrituras dos Hebreus, mas simplesmente fizeram delas um uso mais nobre que os seus tradicionais detentores não souberam ou não puderam fazer. Assim também é que nos cumpre fazer com o que hoje se conhece como tradições do catolicismo mesmo como adstrito á Sé Romana: aceitá-las com espirito humilde e agradecido, sem necessariamente aderir á sua característica politica reacionaria. E ao demais, as tradições catolicas são um patrimonio universal, ecumenico, extendendo-se á Igreja do Oriente e ao proprio anglicanismo, e não constituem monopolio de uma particular entidade religiosa,

Mas também não é recomendável a atitude de muitos, que tudo repelem do catolicismo romano, liturgia, vestes, ceremonial, e até mesmo expressões doutrinárias perfeitamente defensáveis. Mas ha uma cousa que eles em absoluto não dispensam do feitio desse gremio religioso, antes acolhem-na, pondo-a em pratica de um modo muito mais conspicuo: o espirito de intolerancia, de dominação e exclusivismo, descaridoso, infraternal.

Se Roma tem, de véras, alguma missão providencial ainda a cumprir na obra de reunir os crentes em um só corpo, é mistér que o mostre, não pelo exhibir de credenciais exclusivistas, pretenciosas, intolerantes, mas pelo espirito de mansuetude, de magnanimidade, ocupando um plano superior ao de qualquer seita, com o animo generoso dos fortes, dos que sabem suportar sem irritação as dissidencias. Se Roma se julga a providencial herdeira do espirito das maravilhosas leis romanas, que ditaram ordem ao mundo antigo desarticulado, não deve julgar-se herdeira também do espirito pagão que as impunha pela coerção aos povos. "Entre vós — disse Cristo — não deve ser assim".

Por mais claras que tenham sido porventura as promessas de Cristo a S. Pedro e aos que o succedessem na curul de Roma, estas promessas não seriam de fôrma alguma incondicionais, absolutas; absolutas, sim, mas como dirigidas á Igreja como um todo, que não a quaisquer agentes imediatos. Promesas da mesma natureza foram feitão ao povo hebreu, aos filhos de Abraão, mas sob certas condições que deveriam preencher. No caso contrario, teriam de ouvir a voz tonitroante de João Batista: "Não queirais dizer dentro de vós mesmos: Nós temos por pai a Abraão; porque eu vos declaro que poderoso é Deus para fazer com que destas pedras nasçam filhos a Abraão. Pois já o machado está posto á raiz das arvores".

Assim também com a Sé Romana e a sua função historica. Deus ha de levar avante a finalidade catolica da sua Igreja, com Roma ou sem Roma, no caso em que esta não cumpra a sua vocação. Se a Igreja de Roma tem uma promessa, como julga, tem também sobre si a espada de uma terrivel ameaça nas palavras que lhe foram expressamente dirigidas pelo apostolo S. Paulo, no caso de deixar-se aquella igreja tomar do orgulho e do espirito de predomínio exclusivista: "Não te ensoberbeças, mas teme; porque se Deus não poupou os ramos naturais (os judeus), não te poupará também a ti". Rom. XI:21.

*
* *

A grande tarefa, na obra religiosa, atualmente, no Brasil, não é hostilizar descaridosamente a Igreja Catolica Romana, como entendem certos propagandistas extremados, nem tão pouco a de render-lhe incondicional vassalagem, entregando-se ao seu dominio, mas é a de ajudar as almas, emancipá-las pela verdade, pela instrução religiosa, alimentá-las com todos os meios de graça, e infundir-lhes o saudavel senso de uma fraternidade cristã livre, respeitosa, inspiradora, em plano superior ao das questiunculas e rivalidades que enfraquecem a fé e oferecem pretexto ao mundo para chafurdar-se na impiedade.

Mantenha-se o espirito limpo e reto, e o verdadeiro caminho será sempre achado — em religião como em tudo mais.

Antes de se andar á procura, entre os varios gremios religiosos, para encontrar o verdadeiro e, na suposição de o ter achado, entregar-se-lhe de corpo e alma, na paz da inconciencia ou na embriaguês de um animo faccioso que tudo inverte, malsina e enxovalha, será me-

lhor tentar a unica senda honesta, ainda que de penosa praticagem: a de se definirem os verdadeiros principios que nos hão de nortear na vida espiritual. Certamente que nem todos são capazes de se librar em tais alturas, e nem todos têm o necessario discernimento. Mas ha muitos, em nosso país, que o têm, ou são capazes de o ter, em maior numero do que se imagina. Devem estes exercitar sem medo o seu criterio, trazendo tais questões para serem debatidas no foro da sua consciencia. Nega-se muitas vezes ao povo o direito de exercer livremente o seu juizo sobre as magnas questões religiosas, mas não se lhes tolhe o acesso á literatura dissolvente, aos espetaculos corruptores, aos comicios truculentos da impiedade.

A fé catolica, no que possue de fundamental, na doutrina e na pratica, impõe-se pela sua propria força intrinseca, que toca diretamente a consciencia dos homens, e muito mais eficazmente do que por sanções autoritarias, que fomentam a intolerancia, dão lugar á prepotencia, aos abusos do poder, com todo o seu cortejo de consequentes reacções violentas, iniquas, infernais, como tem acontecido na Espanha, no Mexico e em outras partes, em dano da religião e da propria vida politica nacional. Porém tal não deve ser o nosso caminho no Brasil.

*
* *

Algumas cousas ha que a sé romana nos diz, e que merecem a mais seria atenção. Ouçam-nas os proprios dissidentes, com humildade, com animo docil, sem irritação. A primeira delas é o grande principio de que os cristãos devem ser unidos, como um só corpo, uma só irmandade, uma só familia, uma só Igreja — sem fraturas, sem cismas, sem dissonancias. Cristo não fundou igrejas, e muito menos igrejas rivais umas das outras,

mas uma só Igreja. “Sobre esta pedra eu edificarei a minha igreja”. Os processos de Roma podem ter sido condenaveis, mas nunca o ideal.

A segunda mensagem que nos vem de Roma, assim como tambem da Igreja do oriente, e do mesmo modo enfatico, é a de que a religião de Cristo não é o fruto da simples evolução natural, mas é o resultado de uma intervenção celeste; é a religião sobrenatural, não somente na sua origem, mas na sua presente atuação, assim como no seu desdobramento glorioso no porvir.

Tem sido Roma tambem uma testemunha fiel quanto ao valor dos sacramentos, com o seu fulcro luminoso no altar. A sua doutrina sacramental, firmada no ares-tos magistraes de Trento, é inexpugnável, segundo a confissão de um grande erudito anglicano no principio do seculo XVII, Isaac Casaubon, de quem o Dr. Leighton Pullan diz: “Raramente o mundo tem visto um estudante mais solícito, um inquiridor mais sério da verdade, e que sentisse mais gozo em estar a sós com Deus e com os livros”. (*Religion since the Reformation*, pag. 90).

Ha ainda outras cousas momentosas que Roma nos póde dizer, e efetivamente as diz, especialmente no que toca ao espirito de reverencia em religião. Convem recebê-las com respeito, sem sofismas, sem prevenção sectaria.

Outras porém ha que Roma, por via de regra, não tem sabido ou não tem podido pôr devidamente em foco. Teremos que aprendê-las alhures, ou melhor, diretamente no espirito do evangelho.

*
* *

I. A primeira delas é o sentimento de responsabilidade individual e direta para com Deus, e tambem para com o proximo. O diretor de consciencia, que deve-

ria encaminhar as almas para a sua emancipação, para a plena posse de si mesmas — como o sacrário de Deus, como a fonte de poder e de real liberdade em Cristo — facilmente se converte no tutor perpetuo e pernicioso, a fomentar uma atitude de medrosa obediência, infensa ao espirito de nobre iniciativa e de saudavel reação contra os abusos do poder. A autoridade mais alta não é aquela que se ajoja dentro de um confessorio ou na curul suprema do oficialismo, mas é aquela que deve estar centralizada na consciência esclarecida e alerta. Na Igreja de Cristo os crentes são edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, mas como outras tantas pedras vivas; e não como ârgamça informe a que se póde arbitrariamente dar qualquer feitio. Edificar com pedras vivas é edificar com a atitude de respeito pela integridade espiritual, mental e moral dos que foram regenerados e santificados pela graça, e não com entidades apagadas, amorfas, sem expressão individual, sem o sentimento vivo da sua dignidade pessoal e responsabilidade como individuos.

Tema delicado é este, em que a falha, que se aponta, não está geralmente na ausencia de tais e tais requisitos, mas na sua dosagem deficiente. Onde o chefe do poder official é tudo, é a ultima palavra, é a decisão infalivel a que nenhum aresto do foro intimo póde opôr-se, a tendencia inevitavel é para a atrofia da consciência, para a atonia moral do individuo. Ha uma tremenda tentação para se reduzir os homens á condição de escravos, sob o guante de uma ferrea autoridade externa, com sanções fortes. E' facil relativamente assim levá-los, quanto é difficil tratar com homens livres, e mais difficil ainda guiá-los pela senda da verdadeira liberdade.

II. O direito do livre exame, tão denunciado pelos defensores de um sistema de obediência sem contrastes, direito que tem dado lugar, é certo, aos abusos mais cho-

cantes, é todavia um direito sagrado de que não se póde abrir mão, posto que nem todos estejam á altura de o exercer como convem. Suprimir esse direito, ou negar-lhe o legitimo exercicio, é concorrer para o obscurantismo das massas. O direito do livre exame, como o ar livre, que pode causar resfriados e pneumonias, é entretanto indispensavel para a formação de mentalidades robustas, equilibradas, verdadeiras columnas da Igreja e da Patria.

As divergencias em materia religiosa são causadas menos pelo exercicio do direito sagrado do livre exame, do que pela mingua de autoridade moral e espiritual nos que ensinam a religião. O ensino de Cristo, como narra o evangelho, era como o de quem tinha autoridade, e não como o dos escribas e fariseus, apesar de todas as pretensões autoritarias de que faziam praça. Mas a autoridade de Cristo era de tal natureza que se impunha directamente ao senso moral e espiritual dos homens, presumendo neles o direito do livre exame. "Sabeis conhecer os prognosticos do céu, quando vai haver tormenta ou soaheira, e não sabeis distinguir os sinais dos tempos!" E ele ainda exproba os judeus, não por desprezarem a sua divina autoridade, mas por não fazerem uso do proprio senso espiritual, unico meio de reconhecerem o carater divino da sua doutrina. "Se alguem quizer fazer a vontade de Deus, ha de reconhecer, pela propria doutrina, se vem dele o meu ensino, ou se falo de mim mesmo". O seu apelo é sempre direto ao livre exame. E' um principio de vital importancia, que não pode ser impunemente suprimido ou desprezado.

A grande necessidade, hoje como sempre, não é de cercear o direito do livre exame, mas o de elevar o valor moral, mental, e espiritual dos que se inculcam como mestres em religião, assim como em tudo mais. Onde houver verdadeira autoridade moral e espiritual, como em Cristo — transparente na vida dos que se apresentam em

nome de Deus para conduzir as almas — não faltará também quem sinta o poder de uma tal autoridade. Mas a anarquia espiritual e social não poderá jamais ser debelada por meras afirmações autoritárias, ou com imposições oficiais, na esfera política ou religiosa, e com a falência do prestígio moral e espiritual, prestígio que diretamente se impõe á consciência dos homens. O autoritarismo só pode medrar á custa da depressão ambiente, ao preço da incultura e subserviência do meio; a verdadeira autoridade, armada de poder moral e espiritual, impõe-se ao ambiente de cultura e liberdade, e tende sempre a levantá-lo. O autoritarismo considera o direito do livre exame como o arqui-inimigo; a verdadeira autoridade, como a de Cristo, encontra nele o seu melhor aliado.

III. O principio do livre exame leva inevitavelmente á necessidade de disseminar a instrução entre todas as camadas sociais. A razão certamente está com aqueles que não têm medo de ensinar o povo a ler as Santas Escrituras e a pensar por si mesmos sobre os grandes problemas religiosos e sociais. Não se póde edificar uma forte democracia com um povo iletrado e mal instruído em religião. E ninguém pode ter uma religião forte, inexpugnável, senão alicerçada em convicções individuais como a do salmista citado por S. Paulo: "Eu cri, por isso é que falei". Religião apenas aceita por autoridade externa, ou por méra tradição, póde ser verdadeira, como é o caso muitas vezes; mas é sempre fraca, superficial, insubsistente.

Mas em que ficamos então? Que forma de religião abraçaremos? Catolicismo, tal qual o conhecemos? ou o sistema dos que espalham por toda a parte a Bíblia? Re-

nunciaremos á nossa fé católica? — perguntarão alguns — e abraçaremos uma nova fé?

Nada disto! O que muitos, talvez a maioria, terão de fazer, não é trocar um sistema por outro, mas apenas levar a sério, como nunca o fizeram, as injunções solenes da vida espiritual concretizadas em Cristo e na sua divina religião. Não pôdem cogitar do merito de sistemas aqueles a quem falta exatadamente a materia prima — a fé, a aspiração para uma vida mais alta.

No caso, porém, dos que têm fé, filiados a um sistema ou outro, o que lhes cumpre fazer não será trocar de sistema, a não ser em casos excepcionais, mas apenas enriquecer a fé, que já possuem, com elementos que lhes faltam. E não tenham medo de ir buscar esses elementos, onde quer que se encontrem, mesmo entre os chamados herejes, que, em muitos casos não são mais que dissidentes, visto que abraçam os principios fundamentais da fé cristã. Deixem-se desse medo supersticioso e pueril de casas mal assombradas, com que alguns consideram os crentes evangelicos. Dons inapreciáveis possuem estes, em varios aspectos, e que devem ser livremente trazidos e incorporados ao patrimonio de uma fé cristã robusta, integral, comprehensiva, confortadora, emancipante.

E de outro lado, falando aos evangelicos, dir-lhes-íamos que não cultivem esse pavor malsão das crenças e praticas catolicas, que, não desvirtuadas, e devidamente comprehendidas, levam ao senso mistico das realidades transcendentis, ao sentimento da real presença do Senhor no altar, irradiando-se daí para as demais relações da vida, assim como levam, também, ao respeito, á ordem, á paz, ao espirito de genuína devoção e reverencia.

A fé cristã, na sua inteireza, na sua virtude e poder, é sem duvida opulenta no seu conteúdo e multiforme na expressão. A agua, indispensavel á vida, em suas infinitas applicações, é o resultado da combinação de dois ele-

mentos essenciais que os quimicos exprimem pela formula H^2O . Assim tambem a agua da vida, que se encontra na religião universal de Jesus Cristo, compõe-se do hidrogenio de uma fé integral, celeste, reverente, e tambem do oxigenio humanista, purificador, que se traduz no espirito de respeito pela responsabilidade individual, com a sua legitima expressão na educação da consciencia, nas liberdades publicas, e na disseminação das luzes do saber entre a massa geral do povo.

Em suma, diremos que não é aconselhavel, aos que se ufanam da sua fé catolica — que ás vezes o é de nome apenas — que troquem a sua religião pela dos que se chamam protestantes. Não ficariam mais ricos, de certo, com a simples permuta. Porém muito lucrariam se, despidos de medo ou preconceitos, soubessem valer-se dos elementos de verdade e de ação pratica que o sistema evangelico encerra. Em vez de lançarem ao descredito ou ás chamas os seus livros, especialmente as suas biblias, andariam com muito juizo se habilmente se aproveitassem delas para melhor instruir o povo nas verdades vitais da religião; se aprendessem deles a pratica do culto domestico, que tem sido de incalculavel beneficio na vida das familias; se se deixassem penetrar do elevado sentimento religioso expresso nos hinos incomparaveis da devoção evangelica, entre os quais o inesquecivel "Nearer, my God, to Thee", "Mais perto, ó Deus, de ti", que embalou, ao som da valente orquestra, até os ultimos instantes, as victimas do naufragio do Titanic; se recebessem a inspiração desse glorioso movimento, hoje mundial, o das Escolas Dominicais, que tiveram o seu inicio em 1781, em Gloucester, na Inglaterra, pela iniciativa de Robert Raikes — e aprendessem os seus metodos, fruto de seculo e meio de carinhoso estudo e de pratica no ensino religioso das massas populares. E seria tambem essa a melhor maneira de obviar os efeitos de uma dissidencia que se mostra

realmente indesejavel, em muitos casos, pelas atitudes infelizmente extremadas, ostensivamente injustas, que assume.

O mesmo conselho, *mutatis mutandis*, poderia dar-se aos evangelicos, e que são induzidos a nutrir tal e qual pavor doentio de tudo o que diz respeito ao culto catolico. Examinassem bem as principais doutrinas catolicas, as suas praticas legitimas, e não as superstições populares, e isto com espirito benevolente e imparcial, e verificariam que nem tudo é falso, como pensam, nem supersticioso, como ás vezes levianamente alguns afirmam.

A perfeição na fé será alcançada, não pelas atitudes exclusivistas, estreitas, intolerantes, nem pela frouxidão e a indiferença, mas pelo amor da verdade, e pelo espirito de caridade fraternal. "A maior destas é a caridade".

Utopia! — gritarão muitos, e outros talvez não levariam a mal que o autor fosse levado á barra do tribunal do Santo Officio por crime de heresia.

Loucura ou heresia — seja o que quizerem — mas é este o unico caminho praticavel para erguer em prestígio e força a religião divina perante as falanges da impiedade que apertam o cerco em torno da cidadela da fé.

Nos ultimos dias de Jerusalém, já sitiada e em grande angustia, as facções politicas e religiosas se degladiavam com odio sem entranhas, até que se abriu a brecha na muralha, aos golpes dos arietes romanos, e os inimigos entraram, levando a morte, o incendio, o exterminio, sem mesmo respeitar o lugar santo.

São ominosos, inegavelmente, os tempos em que vivemos. Enquanto as potencias tenebrosas reúnem as suas rubras multidões, ameaçando de exterminio uma civilização que tem o nome de cristã, o que se observa, com tristeza, é que mesmo dentro da cidade que se chama pelo nome de Deus, a Igreja, ou a familia dos batizados em nome do Deus Trino, os seus membros, divididos em facções, umas maiores e outras menores, não se entendem

uns aos outros, recusam mesmo entenderem-se uns aos outros, e voltam uns contra os outros, com loucura incrível, as armas que deviam estar assestadas, em ordem de batalha, contra o inimigo comum.

Quem dera que na patria brasileira, iluminada pelo emblema sidereo do Cruzeiro, os seus filhos, erguendo os olhos para o alto, acima de preconceitos, se encontrassem tambem a si proprios e atinassem com a verdadeira trilha da reverencia aliada ao saber, da ordem sem dano da verdadeira liberdade, da unidade calcada na valorização do individuo, e entrando assim na posse daquilo que, em seu alcance espiritual com projeção na vida coletiva, poderia chamar-se, em sentido profundo e de vasta applicação — A FÉ NACIONAL!

NOMES, sistemas, ou bandeiras de partidos, pouco importam afinal. O que sobretudo importa são os grandes principios que devem nortear a mentalidade religiosa e politica de um povo. Como o engenheiro idoneo, de posse dos respectivos documentos, provido de transito e balisa, e os demais petrechos do officio, procede a demarcar com justeza e verdade os rumos e os limites, sem se demover ante os clamores e ameaças de ambiciosos condôminos, assim tambem deve ser em tudo mais, e particularmente em religião.

Marquem-se as linhas mestras, com lealdade e destemor, sem o pragmatismo acomodaticio de considerações de somenos, e ter-se-á encontrado o caminho da paz, o fundamento para um real acordo entre os homens, sob o nivel e o prumo de seguras diretrizes.

E estas diretrizes, antes de serem aceitas no arquivo de protocolos officiais, hão de ser assinaladas, incisivamente, na consciencia e nas atitudes de homens valorosos, que amam sobretudo a Deus, que prezam a verdade, zelam a Igreja, e extremecem pela patria.

I n d i c e

Prefacio	IX
--------------------	----

I

RESTAURAÇÃO

Restauração.	3
Catolicismo	6
Catolico ou protestante?	10
Pragmatismo.	15
Simplismo.	21
Religião que vence	28
A irmandade	31
Alma catolica.	35
O livro.	39
Ismos	44

II

BRASILIDADE

Brasilidade	51
Religião Nacional	56
O cavaleiro	60
O maior valor	64
O anjo do Senhor.	68
O homem livre.	73
A Questão Romana	78

Igreja nacional	87
Nacionalismo.	92
Igreja oficial	97
O Embaixador	101
Divina credencial	104

III

O REINO ESPIRITUAL

O espirito de reverencia.	111
A séde suprema	119
Superstição e fé	123
Religião espiritual.	131
Sacramental	141
A cova dos leões	150
Semana Santa	159

IV

NO CENACULO

A Missa	165
Comunhão dos Santos	173
A ceia do Senhor	178
Endoenças	183
A unidade da Igreja	202

V

A FE' NACIONAL

Cesar e Barrabaz	223
Conclusões	233